

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO COMO AXIOLOGIA: APROXIMAÇÕES INTRODUTÓRIAS

PHILOSOPHY OF EDUCATION AS AXIOLOGY: INTRODUCTORY APPROACHES

Valter Ferreira Rodrigues¹

Resumo:

Focado na formação docente, o presente texto volta-se especialmente ao público universitário em geral, como pós-graduandos/as e estudantes de Pedagogia e das licenciaturas, seja porque pesquisam sobre a Filosofia e seu ensino, seja porque possuem disciplinas de Filosofia em seus currículos de graduação, a exemplo da Filosofia da Educação. Nele abordamos a dimensão axiológica da Filosofia no campo da educação escolar desde a perspectiva de uma teoria dos valores que trata de refletir acerca das normativas ético-morais subjacentes a toda e qualquer educação e processo formativo. As duas referências importantes na área são Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002) e Adolfo Sánchez Vázquez (1915-2011), pensadores que deixaram um importante legado nos temas da ética e da moral. O artigo apresenta as compreensões vaziana e vazquiana do agir ético/moral e como ambas compartilham semelhanças do ponto de vista histórico-conceitual. A distinção entre ambos se refere à mediação da práxis. Para Vaz, os atos éticos/morais são mediados pela práxis, que os remetem a um conflito ético. No caso de Vázquez, o agir ético/moral se dá em relação à subjetividade, em que a liberdade e a autonomia humanas permitem ao indivíduo agir conforme suas próprias normas e valores. Finaliza demonstrando como que a Ética Filosófica serve de base para compreendermos a dimensão axiológica da educação e do ensino nos permite refletir sobre como os valores e normas estão presentes nas práticas educativas e nas relações pedagógicas.

Palavras-chave: Axíologia, Filosofia da Educação, Ética, Lima Vaz, Sánchez Vázquez

Abstract:

Focused on teacher training, this text is especially aimed at the general university audience, such as graduate students and students of Pedagogy and teaching degrees, either because they research Philosophy and its teaching, or because they have Philosophy subjects in their undergraduate curricula, such as Philosophy of Education. In it, we address the axiological dimension of Philosophy in the field of school education from the perspective of a theory of values that seeks to reflect on the ethical-moral norms underlying any education and formative process. Two important references in the field are Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002) and Adolfo Sánchez Vázquez (1915-2011), thinkers who left an important legacy in the themes of ethics and morality. The article presents the Vazian and Vázquegian understandings of ethical/moral action and how both share similarities from a historical-conceptual point of view. The distinction between them concerns the mediation of praxis. For Vaz, ethical/moral acts are mediated by praxis, which refers them to an ethical conflict. In the case of Vázquez, ethical/moral action occurs in relation to subjectivity, where human freedom and autonomy allow the individual to act according to their own norms and values. The article concludes by demonstrating how Philosophical Ethics serves as a basis for understanding the axiological dimension of education and teaching, allowing us to reflect on how values and norms are present in educational practices and pedagogical relationships.

Keywords: Axiology, Philosophy of Education, Ethics, Lima Vaz, Sánchez Vázquez

¹ Doutor em Educação, na linha de Processos de Ensino-Aprendizagem pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/CE) da UFPB. Professor Adjunto do Departamento de Fundamentação da Educação (Centro de Educação/UFPB). Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFCG). Pesquisador colaborador do Laboratório de Pesquisa em Filosofia Prática da Universidade do Egeu (Grécia). Membro do Grupo de Trabalho "Filosofar e Ensinar a Filosofar" da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF).

A guisa de introdução

Todos os anos, durante os processos seletivos dos/as candidatos/as ao PROF-FILO (Mestrado Profissional em Filosofia), nos deparamos com projetos de pesquisas que têm na Ética Filosófica seu esboço. São propostas variadas, mas que trazem consigo algo em comum: uma compreensão que ensinar Filosofia na escola carrega sempre em si uma dimensão ativa do aprendizado filosófico, que consiste numa tomada de postura por parte dos aprendizes no que se refere a sua relação com mundo ao seu redor, os outros e consigo próprios. É comum encontrarmos projetos de tipo salvacionistas, em que a Filosofia prefigura como a única força capaz de formar cidadãos críticos, que irão transformar a sociedade e combater as desigualdades e exclusão. Nesse momento, é bastante comum encontrarmos textos moralistas ou ingênuos sobre o alcance ético, moral e político das aulas de Filosofia em nossas escolas.

Focado na formação docente, o presente texto volta-se especialmente ao público universitário em geral, como pós-graduandos/as e estudantes de Pedagogia e das licenciaturas, seja porque pesquisam sobre a Filosofia e seu ensino seja porque possuem disciplinas da Filosofia em seus currículos de graduação, a exemplo da Filosofia da Educação. Nele abordamos a dimensão axiológica da Filosofia no campo da educação escolar desde a perspectiva de uma teoria dos valores que trata de refletir acerca das normativas ético-morais subjacentes a toda e qualquer educação e processo formativo.

Numa de suas obras mais conhecidas, *Filosofia da Educação* (2006), a Profa. Maria Lúcia de Arruda Aranha, ao tratar dos pressupostos filosóficos da educação e dentre estes a Axiologia, afirma a irredutibilidade moral, ética e política de toda prática educativa e, por extensão, de toda práxis pedagógica. E a razão disso é simples: “os valores estão na base de todas as nossas ações” (ARANHA, 2006, p. 171).

Se tomamos a educação como um constituinte antropológico, isto é, como uma realidade inerente aos indivíduos e, ao mesmo tempo, como condição para a humanização do ser, a dimensão axiológica da educação merece uma atenção especial daqueles e daquelas que estão se preparando para atuar no campo educacional. E por quê? Porque ao lado de outras razões e intencionalidades, todas as práticas educativas e práxis pedagógicas são atravessadas por princípios morais, que moldam a educação como um todo. O reconhecimento de como os valores pessoais e coletivos participam do fazer pedagógico é o principal objetivo desse artigo.

Todavia, antes de irmos ao cerne da nossa temática, faremos duas breves reflexões, de natureza histórico-conceitual, abordando como se estrutura o agir ético/moral e como da emergência do problema pedagógico, no horizonte da reflexão filosófica, surge um elo ético original, que manteve unidas a Educação e a Filosofia mesmo após o advento da Modernidade e das “ciências humanas” e da Pedagogia. Importante destacar que também durante a Modernidade surgiu uma Filosofia da Educação propriamente dita e o reconhecimento da Axiologia como uma das áreas do pensamento filosófico, que contribui com as reflexões sobre a educação.

A Ética Filosófica: ciência da práxis

O agir ético e moral é um dos objetos de estudo da Ética Filosófica. Em todo o Brasil, um dos mais importantes pensadores sobre essa área da Filosofia foi o jesuíta e professor de Filosofia, Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002). Outra importante referência que trazemos é a do filósofo espanhol, radicado no México, Adolfo Sánchez Vázquez (1915-2011). Esses pensadores deixaram um importante legado nos temas da ética e da moral e embora não possam ser considerados como dois filósofos alinhados entre si, exceto por uma raiz intelectual comum, que remonta à filosofia idealista de Hegel, ambos partem de uma análise histórico-conceitual da Ética, a nosso ver fundamental para a compreensão que desenvolvemos².

Para Vaz (2000), a Ética é a ciência da razão prática, ciência do agir como costumes, hábitos, tradição, em outras palavras, é a ciência da práxis. Para o autor, o objetivo da Ética consiste em expor ordenadamente a práxis e a existência ética, através da elaboração de um sistema de categorias fundamentais e interrelacionadas dialeticamente. O resultado da elaboração vaziana de uma ética filosófica está reunida no quarto e quinto volume de seus *Escritos de Filosofia*³.

Vázquez (1999) define a Ética como uma teoria sobre o comportamento moral, isto é, como uma teoria sobre a moral. Esta, por sua vez, se define como um “conjunto de normas, aceitas livre e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens” (p. 63). Para Vázquez, a moral é um dos muitos tipos de comportamento humano, cujas particularidades são refletidas por outras formas de saber como a religião, a política, o direito e as ciências.

Portanto, como se vê, a práxis é o principal objeto de reflexão da Ética Filosófica, seja como ciência da razão prática seja enquanto teoria da moral. É no interior da práxis que nos debruçamos sobre o agir ético/moral. Como ser verá ao longo do texto, não fazemos distinção entre o agir ético e o agir moral. A principal razão disso é adotarmos a compreensão vaziana de que não há, de fato, uma distinção entre eles, pelo menos não em sua acepção original, o que difere da compreensão moderna da Ética⁴.

O termo “ética” aparece na obra vaziana como equivalente ao termo “moral”. O autor trabalha o conceito de *ethos* não o distinguindo de *mores*, uma vez que ambos pertencem ao mesmo campo semântico e possuem um desenvolvimento evolutivo muito semelhante. A preferência é dada à palavra ‘ética’, em virtude de antecedência cronológica na formação do conceito de *ethos*. (RODRIGUES, 2007, p. 100-101).

A Ética, como ciência da práxis (VAZ, 2000), se refere ao *ethos*. Esse termo grego tem duas acepções: a primeira delas refere-se ao *ethos* como costume. A segunda refere-se ao *ethos* como hábito. A noção de *ethos*-costume diz respeito à

² Há amplo material *online* disponível sobre esses os dois filósofos. A título de sugestão, sobre Lima Vaz, acessar <http://www.padrevaz.com.br/index.php>. Sobre a vida e obra de Sánchez Vázquez, acessar: <http://www.asv.filos.unam.mx/>. Os sites sugeridos são mantidos pelas instituições de ensino superior em que os filósofos trabalharam até o final de suas vidas, a saber, a Faculdade dos Jesuítas de Belo Horizonte/MG e a *Universidad Nacional Autónoma de México*.

³ Vide referências.

⁴ A distinção moderna entre ética e moral não será trabalhada no artigo.

um estilo de vida e ação propriamente humano e que “rompe com o reino natural da necessidade, demonstrando que o espaço humano não se restringe ao que a ele é *dado* pela natureza, mas se refere àquilo que por ele é continuamente *construído*” (RODRIGUES, id. ib., grifo do autor). O *ethos*-hábito refere-se a um comportamento constante, repetitivo de determinados atos, que os sujeitos adotam. Em resumo: o *ethos*-costume é o princípio e a norma dos atos e o *ethos*-hábito é a repetição dos atos submetidos às normas.

Na perspectiva vaziana, o agir ético/moral principia no *ethos*-costume (universalidade da norma) e se consoma num movimento circular dialético no *ethos*-hábito (singularidade ética). A instância mediadora é justamente a da práxis que, ao contrário do que pode parecer, não corresponde a uma simples transposição virtuosa das normas e valores em atos, uma vez que a práxis é atravessada pela experiência do conflito ético.

Todo ato ético/moral resulta da liberdade dos indivíduos. A adesão dos sujeitos às normas e aos valores participa de um dinamismo no qual a liberdade desempenha um papel central, uma vez que a vida ética/moral também se constitui do consentimento ou da recusa ao *ethos*-costume (normas, valores). A recusa ao *ethos*-costume não corresponde à negação do *ethos* em si e sua estrutura axiológica, mas a (re)interpretação do próprio *ethos*, na particularidade das práxis e sua renovação histórica. Nesse sentido, a função educadora do *ethos* ou, nas palavras de Vaz, “a relação essencial entre *ethos* e *paideia*” (VAZ, op. cit., p. 27), não apenas acolhe o conflito ético como o compreende como principal elemento para a renovação da vida ética e moral.

Ao tratar da estrutura e singularidade do ato moral, Vázquez (1999, p. 77, grifo nosso) afirma que todo ato moral implica na consciência de sua finalidade e, sobretudo, na decisão (livre) de realizá-lo Vejamos:

Mas, esta decisão pressupõe, por sua vez, em muitos casos, a escolha entre vários fins possíveis que, em dadas ocasiões, se excluem reciprocamente. A decisão de realizar um fim pressupõe a sua escolha entre outros. A pluralidade de fins exige, de um lado, a consciência da natureza de cada um deles e, ao mesmo tempo, a consciência de que, numa determinada situação concreta, um é preferível aos demais, o que significa também que um resultado ideal, ainda não efetivado, é preferível a outros possíveis. A pluralidade dos fins no ato moral exige, pois: a) **escolha** de um fim entre outros, e b) **decisão** de realizar o fim escolhido.

Em outro momento do seu texto, Vázquez (op. cit.) reafirma o papel fundamental da liberdade para caracterização da responsabilidade moral e de como esta (a liberdade) se torna fonte da renovação da própria moral e de seus valores, uma vez que “a livre vontade acarreta, em primeiro lugar, uma consciência das possibilidades de agir numa ou noutra direção” (p. 131).

Historicamente, o surgimento de uma filosofia da moral coincide com a emergência do problema pedagógico no horizonte da reflexão filosófica. Em outras palavras, é justamente quando a Filosofia passa a se ocupar com questões acerca da formação do homem, sobre a educação para a virtude (*areté*, *virtus*), que vimos surgir uma filosofia ocupada com o aprimoramento moral/espiritual (conversão) do indivíduo e que começa pelas máximas socráticas do cuidado de si e de uma psicagogia filosófica (FOUCAULT, 2010).

Trata-se de um dos momentos mais significativos da história da relação entre a Filosofia e a Educação, cujo elo ético original permanecerá, ainda que sob

novas configurações, na Modernidade, com o surgimento das ciências humanas, entre as quais, a Pedagogia, sob a forma de uma axiologia da educação.

Filosofia, educação e valores

Quando, em outro texto, refletíamos sobre filosofia e educação, desde o campo da ética, já dizíamos:

Para nós, de todos os campos da filosofia, a ética é aquele que melhor expressa o que denominamos *dimensão pedagógica do pensamento filosófico*. Enquanto teoria do agir (*praxis*) e da razão prática, a ética é perpassada por uma “pedagogicidade” que lhe é inerente e, por sua vez, toda teoria da educação possui uma determinada “eticidade” que nos permite falar de uma *dimensão ética da reflexão pedagógica*. Todos os paradigmas éticos (greco-romano, cristão, moderno e contemporâneo) que conhecemos, partiram e/ou trouxeram consigo modelos de educação e de formação humana, como demonstra a própria história da ética. (RODRIGUES, 2014, p. 29-30).

O momento em que a Filosofia passa a se ocupar da formação do homem, em torno das querelas sofisticadas acerca do ensino da virtude, foi um marco não apenas para a filosofia grega pós-socrática, mas para todo pensamento filosófico ocidental, uma vez que repercute até os dias de hoje. Mesmo na modernidade, quando a Filosofia passa a ser vista como um tipo de saber específico, no rol dos chamados saberes auxiliares da Pedagogia, defendemos que é no campo da ética e, por conseguinte, em torno da reflexão sobre os valores que norteiam as práticas educativas e que constituem a práxis pedagógicas, que filosofia e educação ainda mantêm seus mais fortes vínculos. Embora se reconheça que há uma diversidade de tipos de fundamentos filosóficos na educação (fundamentos antropológicos, epistemológicos, políticos etc.), estes se integram e se organizam em torno de uma racionalidade prática, na forma de um saber ético/moral, que se constitui como axiologia ou como teoria dos valores.

Aranha (2006) considera a axiologia um dos pressupostos filosóficos da educação. Mais que pressupostos, entendemos que os valores como constituintes fundamentais da e para a educação como um todo, reconhecendo, sobretudo, sua importância na práxis educativo-pedagógica. Daí que resulta em absurda a tentativa de neutralizar a dimensão ético/moral (e política, também) da prática escolar ou acadêmica e da práxis pedagógica. Citando mais uma vez Aranha, “se os valores estão de todas as nossas ações, é inevitável reconhecer sua importância na práxis educativa” (ARANHA, op. cit., p. 171).

Ao longo do texto partimos da intrínseca relação entre a normatividade ética dos atos morais e os valores, que se estabelece no plano da práxis e da educação (*paideia, humanitas, Bildung...*⁵). Por essa razão, centralizamos nossa reflexão num pressuposto fundamental: não há práxis pedagógica neutra do ponto de vista dos valores, isto é, alheia aos valores e que não lide com estes. Seja operando na manutenção do conjunto de normas e dos valores, que compõe as sociedades e as culturas, seja operando no sentido de uma renovação ético/moral,

⁵ Zatti e Euzébio (2021), ao tratar da educação como processo de formação humana, apresentam três grandes modelos educacionais: a *paideia* grega, a *humanitas*, latina (ou romana) e *Bildung* alemã. Como apresentam no resumo do seu artigo, o que “há em comum entre eles a ideia de que a grande finalidade da educação é desenvolver o mais perfectivamente possível a humanidade no homem” (p. 193).

inerente à toda vida ética e promovida pelos conflitos éticos emanados da condição de liberdade dos indivíduos. Irredutivelmente, a escola e toda e qualquer instituição de ensino será sempre local para se falar e debater sobre normas e valores éticos/morais. A formação e a transformação ético/moral dos indivíduos é inerente à práxis pedagógica. Vaz (2000), na parte anterior do seu texto que fala sobre o conflito ético, destaca a educação para o *ethos* ou o que chamou de ‘função educadora do *ethos*’ (p. 27):

Do ponto de vista da fixação histórica dos costumes, esta passagem se faz através do processo educativo que mostra assim, na relação do *ethos* com a sociedade, uma estrutura homóloga à da relação do *ethos* com o indivíduo. À passagem do livre-arbítrio à liberdade ética no indivíduo corresponde à passagem que conduz, através da prática social da educação, os indivíduos do ser empírico da sua existência natural ao ser ético de sua existência cultural, de acordo com as diferenças do *ethos* que acima foram enumeradas. (id. ib.).

Como fica demonstrado no texto de Vaz, na educação encontramos os elementos de conservação e consenso ético/moral, mas, também as forças de conflito, rompimento e transformação da existência ética.

Os valores

A axiologia, enquanto teoria dos valores, é muito nova na história da Filosofia. Trata-se de um termo muito recente, que remonta ao século XIX e que surge no âmbito da economia e que posteriormente se estendeu a todos os setores da atividade humana. Segundo Vázquez (1999), valores são atribuições de importância que damos às coisas ou aos objetos, sejam estes naturais ou não. Sejam objetos naturais ou produzidos, os valores tornam as coisas “objetos humanos” (p. 137) e seu valor é medido pelo grau de importância que tem para o ser humano.

Embora o valor econômico possua um conteúdo distinto dos demais valores – como o estético, o político, o jurídico e o moral -, sua análise se revela muito fecunda quando se trata de esclarecer a essência do valor em geral, evidenciando a sua significação social, humana, que permite responder com firmeza à questão básica sobre a objetividade ou subjetividade dos valores ou sobre um tipo peculiar de sua objetividade. [...] Por isso, não há valores indiferentes à sua realização, visto que o homem os cria produzindo bens que encarnem, ou para apreciar as coisas reais em conformidade com eles. [...] Os valores existem unicamente em atos ou produtos humanos. (VÁZQUEZ, 1999, p.138, 146, 149).

Para Vázquez, que opera com as categorias e toda rede conceitual do marxismo, os valores resultam do contínuo processo dialético da auto-produção humana no mundo da cultura. No que concerne aos valores éticos-morais, estes giram em torno das ideias de “bem” e de “bom” e são da ordem daquilo que os modernos relacionaram aos juízos morais e à avaliação moral.

Para Vaz, cuja obra se assenta no que chamou de “paradigma ideonômico”⁶ da Ética, a objetividade ou universalidade da norma é condição fundante para a existência ética, tal qual formulara Aristóteles, no livro *Ética à Nicômaco* (1991), ao afirmar ser o Bem aquilo a que todas as coisas tendem (finalismo do Bem). Tal finalismo indica que o Bem Moral preexiste enquanto princípio absoluto e objeto da razão prática. Nesse sentido, conforme afirmamos em outro lugar:

Ao fazer uso da razão prática para guiar as suas ações, o ser humano se caracteriza como ser moral ou indivíduo ético. A razão prática no indivíduo é a forma própria da sua participação no *ethos* ou na tradição ética na qual ele está necessariamente inserido. Essa forma de participação também recebe o nome de “*praxis*”. Embora compreendida a partir desses três tipos, a razão em sua totalidade também é essencialmente prática, o que significa dizer que ela está voltada à ação (à prática), e não simplesmente ao conhecimento (à teoria). Vaz nos mostra que, através da *praxis*, a razão prática é responsável por operar transformações no interior do *ethos*. A partir desse ponto é possível compreender por que a atividade filosófica é uma atividade que diz respeito não apenas à criação de novos saberes, mas também de novas práticas. (RODRIGUES, 2014, p. 56).

Portanto, quando aproximamos os dois pensadores aqui referenciados, Vaz e Vázquez, vemos que ambos partem de perspectivas distintas na compreensão dos valores, pois têm compreensões diferentes daquilo que fundamenta a existência ética. Enquanto, para Vázquez, a moral (e os valores) exerce principalmente uma função social, cuja configuração muda ao longo da história, a partir das transformações sociais impulsionadas principalmente por fatores de natureza econômica e produtivas, Vaz fundamenta sua compreensão numa heteronomia do bem objetivo, transcendente, metafísico.

No entanto, ambos parecem coincidir na compreensão sobre o papel e a importância da dimensão comunitária na vida ética, seja no reconhecimento e adesão às normas seja na atribuição de valores. Na parte final do nosso texto, refletiremos sobre como os dois pensadores abordaram a dimensão comunitária da vida ética.

Educação e valores

Os dois principais autores desse texto tratam do comunitário em suas elaborações sobre a ética filosófica, isto é, tratam da relação entre os indivíduos em suas reflexões sobre a moral e, em suas obras abordam conceitos fundamentais como justiça, lei, norma moral, direito e a própria ética. Dividimos a reflexão em outros dois subtópicos: um sobre a estrutura comunitária na vida ética, na perspectiva de Lima Vaz e outro sobre a ética do comunitário, desde o pensamento de Adolfo Sánchez Vázquez.

No que concerne à estrutura comunitária da vida ética, toda dimensão coletiva da existência ética deriva necessariamente da própria condição humana, enquanto seres sociais que somos. Por vivermos em sociedade:

⁶ Também conhecido como paradigma racional, trata-se de uma expressão formada pelos termos *idea* (ideia) e *nomos* (lei). No caso da razão prática, o paradigma estabeleceu a norma do discernimento e julgamento das razões do *ethos* na universalidade da ideia e não na particularidade dos costumes e das tradições, possibilitando a criação de uma ética como ciência do *ethos* (VAZ, 2000).

Uma cadeia complexa de mediações ordena os movimentos do indivíduo no todo social e, entre elas, desenrolam-se as mediações que integram o indivíduo ao *ethos*: os hábitos no próprio indivíduo e, na sociedade, os costumes e normas das esferas particulares nas quais se exercerá sua *práxis*, ou seja, trabalho, cultura, política e convivência social. (VAZ, 2000, p. 23).

Para Vaz, a comunidade ética, máxima expressão da vida ética/moral, consiste no estar-com-os-outros (estrutura intersubjetiva da pessoa), submetidos à norma e o finalismo do bem (paradigma ideonômico). É na comunidade ética que a vida ética alcançaria a sua total efetivação. O *ethos* social emerge como tradição, e esta, por sua vez se constitui como uma das expressões da cultura. Por isso, ele a vai afirmar que o *ethos* é co-extensivo à cultura. Em última instância, a realização da existência ética do sujeito consiste na atualização do *ethos*-costume/tradição (universalidade do *ethos*) em *ethos*-hábito (singularidade do *ethos*). Essa atualização acontece no plano da *práxis* (particularidade do *ethos*). Do mesmo modo, toda transformação ou crise ética se instaura no seio da *práxis*, sob o complexo movimento de recusa ou consentimento das tradições, normativas e valores pelos indivíduos, no interior da cultura.

Tomando como referência a escala aristotélica dos saberes (teorético, ético e poiético), cuja finalidade (*telos*) de cada tipo de saber consiste na perfeição/realização de cada desses mesmos saberes, Vaz incorpora os ideais de democracia e justiça como as formas mais elevadas de vida ética comunitária. Para ele a comunidade ética é a expressão tangível da prática da justiça e da cidadania por parte dos indivíduos que a compõe. E, para tal, a educação exerce uma função vital para a constituição da comunidade ética democrática e justa. Segundo Vaz, “a comunidade democrática é a forma superior de comunidade política. [...] O problema fundamental da comunidade democrática é o problema da *areté*, da justiça na alma como virtude ou disposição permanente (*hexis* ou hábito)” (VAZ, 2000, p. 270). Sem a educação não haveria comunidade ética e é através da educação que a comunidade democrática se forma.

Sobre a ética do comunitário, partimos da afirmação sobre o que é a moral em Vázquez, a saber, o “conjunto de normas aceitas livre e conscientemente” (VÁZQUEZ, 1999, p. 63), que tem como principal objetivo regular os comportamentos individuais e social. A ética é a reflexão sobre esse tipo de comportamento prático-moral e marca a passagem da simples prática da moral para a construção de uma teoria (da) moral. Para o filósofo, a moral não deriva de uma inclinação universal e necessário para um Bem Absoluto, como quisera Aristóteles e defendeu Vaz na sua fundamentação transcendente da Ética. Adotando o naturalismo-histórico, Vázquez afirma que a origem da moral está intimamente ligada ao desenvolvimento humano e se fundamenta no que chamou de “princípio coletivista” (op. cit., p. 41).

A coletividade se revelou fundamental para a sobrevivência do ser humano. Desde os primeiros agrupamentos o desenvolvimento de habilidades sociais e a formação de uma natureza social significaram a diferença entre a vida e a morte da espécie. Foi na consciência da importância das relações comunitárias que a moral se formou. A moral primitiva, vai dizer Vázquez fundamentou-se na primazia do coletivo e do como aquilo que é útil para a vida em comunidade. Portanto, a origem de toda moral e seu conjunto de valores surgiu a partir de um contexto histórico da necessidade do coletivo, para a sobrevivência dos indivíduos. Ainda hoje, os fatores históricos são fundamentais para atualização da vida moral.

No cerne das transformações éticas está o agir humana, a práxis. Na perspectiva de Vázquez, falamos da práxis como lugar de auto-produção do ser humano e de suas contradições, sob a forma da constituição de classes e da luta de classes. Ele também afirma que a realização moral é um empreendimento coletivo e que embora seja uma tarefa individual é, porém, um assunto comum a todos(as) nós. Outrossim, é certo que o indivíduo afeta a sociedade, com suas ações. Todavia, a sociedade também age sobre o comportamento moral dos indivíduos, através do trabalho, do Estado, da família, dos meios de comunicação de massa e da escola.

Mais uma vez, a função ético/moral da educação aí também merece destaque. No decorrer de todo o texto tratarmos da dimensão ético-formativa da educação, reconhecendo que a reflexão em sala de aula acerca dos valores e da moral, no interior da comunidade ética, consiste em um aspecto irredutível da práxis pedagógica.

À medida que a educação opera na instauração e atualização da comunidade e existência éticas, cabe à axiologia refletir sobre os valores dentro de nossas instituições de ensino. Tal reflexão se inspira no roteiro teórico-conceitual que utiliza a ética filosófica ao elucidar como se constitui a natureza, o alcance, a estrutura das comunidades éticas da existência ética individual e de como a educação desempenha um papel social na formação moral dos indivíduos e, por conseguinte, na formação das próprias sociedades e da cultura. Todavia, conforme pudemos ver anteriormente, a práxis educativa também é moldada pela tensão dialética entre liberdade dos indivíduos e as transformações inerentes ao contexto histórico. Em função disso, parece conveniente reforçar algo que já tínhamos escrito, acerca da necessidade de rediscutirmos a ética em nossas escolas e universidades.

Em *Filosofia: um olhar sobre a educação, a ética e a linguagem* (DIONIZIO NETO, RODRIGUES, 2016), abordamos como na história podemos identificar uma sucessão de paradigmas éticos, todos ligados à diferentes sociedades ao longo do tempo. Tal sucessão demonstra que o *ethos* é continuamente atualizado, uma vez que mudam os princípios, normas morais, as concepções de bem e mal, daquilo que é obrigatório e do que não é. Naquela ocasião queríamos chamar a atenção para o fenômeno da fragmentação dos valores ético/morais o crescimento daquilo que Vaz e outros chamam de *anomia ética* (RODRIGUES, op. cit.).

A inflação de uma agenda de costumes e seu uso midiático, nos últimos quatro anos, como instrumento de manutenção de poder político, que atua sob o signo do retrocesso, do autoritarismo de direita e do uso de certas correntes cristã no Brasil como pedestal ideológico não visa superar a anomia ética, mas ao reafirmar os ditos valores da família, da fé, da pátria e propriedade, configuram o recrudescimento ético da própria sociedade, que volta a fortalecer a desigualdade e a injustiça. Fato notório que as democracias em todo mundo estão em risco. Nos lugares em que esta se enfraquece, vemos fortalecer os autoritarismos de ultradireitistas. Se outrora chamávamos atenção para a fragmentação dos valores e a troca dos referenciais ético/morais por um estado de *a – nomós*, isto, ausência de normativas morais fundamentais para a vida ética individual e coletiva, hoje é preciso reforçar a importância da nossa transformação ético/moral. Uma transformação que se instaura desde os conflitos éticos e que são inerentes ao exercício da liberdade pessoal, sem a qual não há um autêntico estado de direito e um autêntico exercício da democracia.

É nesse ponto, como nos ensinou os dois filósofos trazidos por nós, cada um à sua maneira, que a ética, a moral e a política se encontram. Vaz afirmou que a

plenitude da comunidade ética é sua realização como comunidade política. Vázquez no recorda como a política impacta na constituição da comunidade e da vida ética, exatamente por ser está a expressão mais elaborada da vida em comum. Nesse sentido, escola e universidade também são, e precisam continuar a ser, espaços de construção do político e de debate político. Falamos de uma educação para a democracia. O oposto disso é uma educação antidemocrática.

Talvez pudéssemos terminar essa breve reflexão, sobre a dimensão axiológica da Filosofia da Educação, com uma pergunta final, uma proposta de exercício à reflexão e ao diálogo sobre como a educação tem lidado com a temática dos valores, no chão das salas de nossas escolas e universidades. Há espaço para esses assuntos em nossas práticas? O que temos vistos, ouvido e dito sobre isso?

Referências

- ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- DIONIZIO NETO, M.; RODRIGUES, V. F. N. **Filosofia: um olhar sobre a educação, a ética e a linguagem**. Campina Grande: Editora da UFCG, 2016.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010
- RODRIGUES, V. F. **A transcendência na ética de Lima Vaz**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2007.
- _____. **O ensino de filosofia como experiência crítico-criativa do filosofar: limites e possibilidades**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2007.
- VAZ, H. C. L. **Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- _____. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. **Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- VAZQUÉZ, A. S. **Ética**. Trad. João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- ZATTI, V.; EUZÉBIO, M. S. P. Educação como processo de formação humana e suas raízes não utilitárias: paideia, humanitas e Bildung. **IXTLI – Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación**. Associação Latinoamericana de Filosofia da Educação. v. 8, n. 16, p. 193- 215, 2021.

Recebido em: 09/2024
Aprovado em: 12/2024

